

HUMBERTO DUARTE

UM ANJO PELA METADE

coolbooks

I

*Vi o sol baixo, manchado de místicos horrores,
A iluminar de roxo enormes filamentos.
Parecidas, nos dramas antigos ao jogo de atores,
Vagas que rolam, acolá, nos seus estremecimentos.*

Jean-Arthur Rimbaud, *O barco bêbado*

– Nós desbravamos a vida tal como a lâmina glacial atravessa, indolente, as artérias e veias de uma carne tenra e morna – dizia para si mesmo enquanto percorria, aos tropeções, as ruelas escuras e sujas ao ritmo irregular da *vodka*.

O candeeiro mal iluminava a pequena praça, agora já deserta e algo claustrofóbica. Ao longe, ainda se faziam ouvir alguns ecos da cidade mal adormecida que arrepiavam o frio da madrugada e aquele silêncio encoberto, característico daquela zona. Novembro nunca se revelara tão frio e incómodo em Paris como nesse final de outono, num desconforto que roçava o obscuro. Já não se ouviam as sirenes nem o resvalar apressado dos pneus nos paralelos graníticos há mais de uma hora, apenas, aqui e ali, algumas vozes tardias e mais longe o lamento omnipresente do trânsito numa das principais artérias.

Dissimulados na penumbra projetada por uma árvore de pequeno porte, numa muito conveniente quietude, Tomé e Pierre continuavam sentados num banco de madeira, numa espera que se prolongava há vários minutos. O frio noturno e já invernal entranhava-se profundamente na pele de Tomé e raspava-lhe dolorosamente nos ossos. O pesado sobretudo e as *vodkas* e margaritas

que bebera durante a noite apenas em parte cumpriam o que deles se poderia exigir naquele momento. Algum conforto térmico. Em contrapartida, o álcool já lhe revolteava a cabeça, deixando-o meio anestesiado.

Como se tornara um hábito nos últimos tempos, Vladimir ainda não chegara, o que compelia Tomé a fumar cigarros de forma contínua e a meditar em assuntos sobre os quais não lhe apetecia aflorar àquela hora da noite.

Cabrão do jugoslavo!

E a sua cabeça que não parava de remexer em profundezas há muito oclusas.

Uma das reflexões mais inquietantes e recorrentes que lhe atravessavam o pensamento nos últimos tempos passava pela sua incapacidade para se recordar de episódios completos do seu passado, principalmente da sua infância em Portugal, da família, que recordava como uma entidade difusa, da sua aldeia da serra ou dos primeiros tempos de universidade, primeiro em Coimbra, depois em Paris – períodos da sua vida cada vez mais longínquos e obscuros, os quais aparentavam nem sequer terem existido na verdade.

Um longo cinzento distante em vez de um caleidoscópio de memórias.

Pierre, enfiado no seu sobretudo preto de onde despontava apenas a cabeça coberta pela sua cabeleira untada de gel e a caminhar para o grisalho na zona das têmporas, continuava a beber *vodka* por uma pequena garrafa de bolso, num ritual mecanizado e aparentemente impassível à espera prolongada, ao frio noturno e ao excesso de álcool. Gelo sobre gelo! Transpirava uma confiança inquebrantável em todos os movimentos do seu corpo, por mais insignificantes e levianos que fossem, e o seu olhar felino intimidava quem, inadvertidamente, o encontrasse.

Não trocavam uma palavra desde que saíram do *Club des Oiseaux*, apesar da cumplicidade do momento e da proximidade entre ambos, o que tornava a situação ainda mais sinistra. Mas, no fundo, isso tornara-se já uma rotina entre os dois. Apoderara-se do seu relacionamento. Tudo acontecia com uma mínima troca de palavras. A espera por Vladimir funcionava mesmo como uma confirmação

da quase incomunicabilidade que perdurava entre os dois. Sempre que se encontrava a sós com Pierre, Tomé sentia grandes dificuldades em encontrar um assunto de conversa que não fosse ostensivamente um remendo forçado de silêncio. A diferença de idades entre eles poderia ser um dos motivos incontornáveis, já que o outro era cerca de dez, doze anos mais velho. O estatuto de Pierre como responsável pelos operacionais do Grupo de Paris poderia contribuir, mas a verdade é que entre os dois nenhum diálogo fluía de forma natural e espontânea, como com outros operacionais da Organização. Pierre, quando as coisas não corriam como pretendia, poderia ser bastante atemorizador, e Tomé evitava contrariá-lo. Era como se só encontrassem motivação para dialogarem durante as missões ou na presença de outras pessoas e não a sós.

Maldito frio! Preciso de mais uma bebida.

Quebrando o silêncio gelado, que começava a revelar-se demasiado embaraçoso, tocou o telemóvel de Pierre.

– Sim? – começou este por dizer.

Quem estava do outro lado falava num tom bastante baixo e de forma muito pausada, não permitindo a Tomé discernir uma palavra, apesar de ouvir um ligeiro murmurar.

– Correu tudo como planeado – continuou Pierre. – A missão foi cumprida de forma belíssima, qual pintura de Miró em tons vermelhos e pastel. Inesquecível e exemplar. Um mimo! Houve apenas um pequeno senão... – Fez uma pausa comprometedora na procura das palavras mais adequadas para não dramatizar o que iria dizer a seguir. – Alguém se apercebeu da situação ainda antes de nós sairmos do clube, mas não houve problemas.

Do outro lado, o timbre de voz tornou-se subitamente mais áspero e mais audível.

– Não – apressou-se Pierre a esclarecer. – Ninguém se apercebeu da nossa presença e a confusão até nos beneficiou na saída. Abandonámos o local com discrição no meio do pânico que se gerou. Se falei da pintura de Miró foi por gracejo. O trabalho final fez-me lembrar um dos seus quadros, só isso. Vícios de profissão. Há algum problema com isso? – Ao ouvir a aspereza na sua voz, Tomé detetou que ele tentava estancar as fugas de uma possível explosão interior.

Um bafo de terror sacudiu-o por um momento. Pierre carregava uma tensão maléfica que, por vezes, o assustava.

Só me apetece chegar a casa depressa.

– Estamos só à espera de um dos nossos – continuou Pierre.

Um dos nossos... A sua voz transparecia somente frieza. Tomé já o testemunhara nessa noite e em ocasiões similares. Muitas vezes questionava-se se Pierre sentia realmente alguma coisa ou se possuía, na verdade, o que se instituiu chamar de emoções. *Talvez as suas emoções fluam direitinhas para a sua pintura.* Numa visão mais distanciada, evidenciava-se o charme potenciado pela maturidade, passeava-se nas ruas como se elas fossem *passerelles* inundadas de *spotlights*. Numa perspetiva mais intimista, o seu olhar era, no mínimo, intimidador, austero, sobretudo quando se fixava no seu interlocutor.

– Claro que vamos estar presentes na grande caçada de Natal. Já dei indicação para todos os homens do Grupo de Paris se apresentarem na quinta para os dois dias. Pessoalmente, já sinto saudades de voltar a olhar demoradamente para a minha campá vazia.

O álcool zunia nos seus ouvidos, amplificando o vazio dentro de si. Pierre não parava de repetir «hum! hum!» e «claro, claro», numa conversa que continuou por longos minutos, ou horas, ou semanas, quase sempre no mesmo sentido da linha telefónica, o que levou Tomé a desligar-se gradualmente do que estava a ouvir.

Sinto que ficou alguma coisa por fazer... mas o quê?

Envolto em estranhos *flashbacks* desconexos, provavelmente provocados pelos anteriores comentários de Pierre sobre pintura, não conseguia afastar da retina a visão de uma grande tela de Miró que vira em Barcelona e que se confundia com a imagem, menos abstrata, de marcas de mãos ensanguentadas e de sangue a escorrer numa parede branca. A música *house* em doses latejantes em fundo.

Outra referência à pintura de Miró...

A metade de conversa que continuava a ouvir estava a enfadá-lo de uma maneira insustentável e quase descontrolada. A ponto de começar a sentir algumas náuseas e a ficar com os níveis de ansiedade ainda mais elevados.

(Calma, Tomé, calma...)

Gotículas de suor frio formaram-se na sua testa e preparavam-se para descer vertiginosamente pela face. As formas que conhecia tinham sido substituídas por vultos negros.

(*Controla-te...*)

Levantou-se muito rapidamente, hirtó e sonâmbulo como uma múmia, e caminhou desajeitado para o tronco da pequena árvore ali ao lado.

(*Calma...*)

O que se seguiu foi apagado de forma quase instantânea da sua memória. Pegou vigorosamente na faca que se encontrava semiesquecida no bolso lateral do sobretudo e, em simultâneo, desatou a vomitar desmesuradamente para a base da árvore.

(...)

Era um misto de *vodka*, margaritas, restos de uma violência mal degredada e excesso de adrenalina que teimava em não abandonar o seu corpo, agora já cansado.

(...)

Durante algum tempo, impossível de quantificar em minutos, o resto do mundo apagou-se à sua volta, e um vazio negro e silencioso instalou-se no seu lugar, oprimindo-o e obrigando-o a reviver, em pequenos vislumbres não cronológicos, os acontecimentos dessa noite no *Club des Oiseaux*.

(*Dor...*)

Ao aperceber-se do estado de Tomé, Pierre terminou bruscamente a longa conversa telefónica e precipitou-se na direcção do companheiro que se esvaía em vômitos.

– Então, Tomé, estás maldisposto? – A voz chegava-lhe distorcida, como que vinda do fundo de uma garrafa ou do outro lado do oceano. Continuou a falar, mas Tomé não conseguia entender as suas palavras, como se falasse baixinho numa língua estranha. Tentou olhar na sua direcção, mas o negro vazio continuava a rodeá-lo, levando-o a imaginar que este negrume acabaria por absorvê-lo para sempre ou por cobri-lo como uma espécie de fuligem.

Num assomo de lucidez, levantou-se a tremer que nem uma torre de gelatina ao vento e inspirou fundo três vezes, com os olhos cerrados com firmeza. O sabor azedo do vômito na boca misturava-se

com o do tabaco e fê-lo estremecer. Quando voltou a abrir os olhos, segundos depois, lá estava Pierre, imperturbável, à espera de uma resposta que Tomé tardava em revelar.

– Estou bem, Pierre – conseguiu finalmente balbuciar. Voltou a surgir-lhe a imagem de néones azuis intermitentes e mãos manchadas de sangue numa parede de azulejos brancos. – Aquelas margaritas todas depois da *vodka* deram-me a volta ao estômago e à cabeça. Mas já estou a melhorar.

– Foda-se! Tens de parar de beber dessa maneira. Aguenta-te mais um pouco que o Vladimir já não deve tardar.

– Já estou bem, só preciso de um cigarro para me recompor e de um lenço de papel.

Reparou então que estava a sangrar abundantemente da mão direita, onde era possível distinguir um corte transversal não muito profundo, mas doloroso. Levou a outra mão ao bolso do sobretudo e confirmou que a sua faca *Zero Tolerance*, de 8,3 cm de frio aço e tungsténio, se encontrava também ensanguentada. O caricato da situação fê-lo recordar Corto Maltese que, com uma faca, também traçara uma linha da sorte na palma da mão por não possuir nenhuma original.

Que bom seria podermos traçar o nosso destino, caso não tivéssemos nenhum disponível no momento. Nem que fosse com o gume de uma faca.

No meio deste delírio de sangue e vômitos de bebidas destiladas, enquanto o mundo inteiro terá feito uma pausa solidária consigo e recomeçado depois a girar de forma lenta, mas gradual, deixando para trás as trevas, pareceu-lhe ter descortinado, por um momento, a figura sombria de um homem sobre o telhado de um dos prédios do outro lado da rua. De pé, numa pose de vigília expectante. Por um momento apenas...

Apesar de recomposto, duas ou três vertigens nos minutos seguintes e um lenço de papel a servir de ligadura vieram lembrá-lo das dificuldades por que passou nessa noite.

Já passou, Tomé, já passou...

Estavam agora os dois de pé, junto ao banco de madeira, a ouvir o som de um automóvel a circular a grande velocidade pelas ruas

estreitas e sinuosas, e que se aproximava da praça onde já desesperavam. Segundos depois, o Mercedes preto de Vladimir acionou a fundo os travões, mesmo à frente deles, refletindo a luz baça do candeeiro nos vidros escurecidos e na pintura brilhante, deixando escapar desde logo um clamor intenso da música do interior do veículo, aprisionada ainda dentro das janelas fechadas. O vidro do lado do passageiro abriu-se e surgiu a figura ensombrada de Vladimir a convidá-los a entrar. A música estridente de uma *brass band* do Leste da Europa saía a jorros do sistema de colunas.

– Entrem! *Brzo! Brzo!*

Os dois homens apeados olharam-se durante dois segundos sem pestanejar, mas nenhum dos dois esboçou qualquer gesto ou comentário a este convite. Num raio de muitos metros só se ouvia a música galopante de uma secção de metais, saída algures dos Balcãs, e uma voz enérgica a cantar numa língua impercetível. Vladimir baixou um pouco o volume da música e sentiu necessidade de reformular o convite.

– Desculpa o atraso, Pierre – disse Vladimir no seu sotaque cerrado do Leste europeu. Inclinará um pouco a cabeça na direção deles, ficando agora ligeiramente iluminado pela luz do candeeiro, o que lhe realçava o ar fantasmagórico, quase cadavérico, e o fino bigode preto. – Surgiram, entretanto, imprevistos de última hora, sabem como é... žene... As mulheres são terríveis, de difícil... Como se diz? Compreensão. Pelo menos, para mim são.

Como não surgiu qualquer comentário dos outros dois, Vladimir voltou à carga.

– Mulheres debes usar enquanto estão dentro da garantia e depois largar sem... remorsos, é isso! Ou piedade, tem mesmo significado, não é? Senão, tornam-se muito perigosas, muito perigosas.

– Ouve, Vladimir – respondeu calmamente Pierre, num tom de ameaça que tanto poderia soar irónica como muito séria. – Começo a ficar saturado das tuas desculpas mirabolantes nesse teu francês incompreensível. Chego mesmo a questionar se não te limitas a tentar fazer-nos de parvos com esse tipo de discurso e se ainda posso confiar em ti. Ou será que andas apenas a tentar lixar-nos a vida?

– Tem calma, Pierre! Onde é que está sentido de humor? Eu

explico tudo pelo caminho. – Vladimir já acelerava em direção ao Palácio da Torre Negra, depois de ter arrancado a toda a brida, gemendo os pneus no pavimento. – Eu ser assim, mas trabalhar bem. Servicinho sempre limpo, tu sabes. Tive também de mudar de roupas... Última hora. Coisas que acontecem, sabem como é... *opasnosti*... azares.

Calaram-se por momentos.

– Que acontecer com tua mão, Tomé?

– Coisas do destino.

O volume do som no interior do carro estava quase ensurdecedor, mas Vladimir não fez qualquer intenção de o reduzir. Era como se a estridente orquestra os acompanhasse num concerto exclusivo dentro do Mercedes.

– Olha lá, não podes baixar o volume da música? – protestou Tomé. – Parece que vamos num daqueles carros a anunciar que o circo chegou à cidade. E com palhaços!

Vladimir obedeceu, embora contrariado.

– Vocês não sabem gostar boa música... *dobra glazba*. Só sabem gostar de *rock* feito por maricas. Isto é verdadeira música lá da minha terra.

– Música de malucos, isso sim – completou Tomé com um riso forçado.

Apesar dos seus comentários irónicos, não deixou de sentir uma pontinha de inveja de Vladimir. A música até nem era assim tão intragável – não fora o volume excessivo – e era um óbvio sinal de orgulho das suas raízes balcânicas (quaisquer que fossem – sérvias, croatas, bósnias, era-lhe irrelevante) a que Tomé não conseguia retribuir.

Ao lado de Vladimir, Pierre sorria com a subtileza de quem não se queria envolver na discussão.

II

A música pop, depois de ter desempenhado uma função associativa e de escape coletivo e “coletivista” das energias eróticas reprimidas pela sociedade que «mata Eros em nome do princípio da realidade», está hoje reduzida a um mero objeto de consumo, visceralmente integrado no obscuro mercado do supérfluo.

Rocco e Antonia, Porcos com Asas

Abstraído da realidade trivial, Tomé deslocava-se no banco de trás do Mercedes de Vladimir, contemplando o desfilar das luzes noturnas de Paris à sua volta. As viagens citadinas de automóvel durante a noite sempre lhe provocaram um fascínio especial. Libertavam-se minúsculas partículas de magia em cada foco de luz que era refletido, em cada som que passava, em todos os movimentos possíveis de captar. «Não passas de um sentimentalista de momentos vãos», costumava dizer-lhe Jean-Paul, escritor em ascensão com uma habilidade peculiar para retratar situações e pessoas, e também ele operacional da Organização no Grupo de Paris.

A intrépida música jugoslava ou romena já tinha dado lugar a um *hip-hop* francês de terceira categoria. Regressavam do Palácio da Torre Negra, a norte da cidade de Paris, onde Pierre fora tratar de assuntos da Organização, e transpiravam o alívio e o regozijo típicos de quem acabou de cumprir mais uma missão, onde se incluía o sabor especial de ver a conta bancária mais gorda dentro de um ou dois dias. Mas Tomé, no lugar destes nobilíssimos sentimentos, apenas distinguia sonolência e um difuso vazio negro.

As luzes passavam efémeras à sua volta, num jorro de faíscas

meteóricas em fundo indefinido, impossíveis de reter pelo mais perspicaz dos olhares. Ao observá-las na sua fugacidade, equiparou-as à sua memória fugidia e tentou fazer um exercício que já experimentara fazer noutras ocasiões nos últimos tempos, sempre com o mesmo resultado perturbador. Resumia-se a um assomo forçado de nostalgia que consistia em desenterrar uma qualquer recordação, por mais insignificante que fosse, da infância na sua aldeia natal voltada para a Serra da Estrela. Reconhecia que as suas raízes em França estavam bem enterradas, mas que o solo a que elas se agarravam era extremamente instável, como areia mal consolidada. Acreditava que já adotara, indubitavelmente, o país, só não tinha a certeza se o país o teria adotado com o mesmo vigor, e isso deixava-o volúvel, precário. Faltava-lhe um rochedo onde se agarrar, e procurava com estes exercícios de memória arremessar alguma âncora no passado em Portugal que lhe pudesse servir de guia para futuro, um farol de segurança. Já sentia Paris como a sua cidade e não se imaginava a voltar tão depressa ao seu país de origem. *Será que vou voltar?* No entanto, esse apego não era suficiente para se sentir integrado. Se estivesse a observar um céu estrelado e escolhesse uma das estrelas como sua – *a minha estrela!* –, poderia anunciá-lo a quem o quisesse ouvir, mas a estrela, na verdade, nunca seria verdadeiramente sua, não ali onde não poderia partilhá-la. Mas também onde é que ele alguma vez se sentiu, de facto, integrado, partilhado, enraizado? Na sua casta aldeia serrana de que mal se recorda? Em Coimbra, dos primeiros anos de plena consciência, mas que se eclipsara? Na Sibéria ou na Jordânia? Dificilmente... As suas ténues memórias eram mais fugidias e faiscentes do que os pontos de luz da noite parisiense vistos de dentro de um automóvel em movimento a alta velocidade.

Num esforço de concentração raro, fixou o olhar num ponto qualquer do infinito e tentou resgatar a sua infância. Após alguns instantes em que apenas fluía na sua mente um já familiar vazio negro, surgiu-lhe a visão de uma cena aparentemente desprovida de sentido mas já familiar: encontrava-se, ao que tudo levava a crer, sozinho, ao lado de uma bicicleta caída e com um pneu furado, debaixo de um sol abrasador, e tinha a camisola suja por dois gelados

que se derretiam de forma demasiado rápida nas suas mãos. A seus pés arfava ruidosamente um pequeno cão deitado, nitidamente a sofrer também com o calor sufocante, mas que, dócil e solícito, acompanhava-o com a lealdade exigida a qualquer cão que se preze. Sempre a mesma cena! Já fizera este mesmo exercício por diversas vezes, mas a recordação que lhe surgia era sempre a mesma. Uma bicicleta com um pneu furado, um sol abrasador, dois gelados a derreterem-se, a camisola suja e o cão a seus pés.

Será isto o filme da minha infância? Apenas isto?

Não se conseguia recordar de que local seria – a sua aldeia natal, a ver a serra? –, porque se encontrava sozinho e quem é que esperava, partindo do princípio que esperava alguém, mas como segurava dois gelados... O problema é que os malditos gelados se derretiam rapidamente e lhe tinham sujado a camisola!

A repetição constante desta imagem, uma e outra vez, deixava-o inquieto.

Sempre esta e mais nenhuma.

Será que não consigo desenterrar outra recordação da minha infância?

A muralha cinzenta da fachada do seu prédio encontrava-se à sua frente sem sinais de vida aparente. As únicas luzes que se descortinavam provinham de dois candeeiros de rua e de um letreiro luminoso de um videoclube situado num prédio em frente. A madrugada adormecida tomava ainda conta daquele recanto da cidade. Encaminhou-se para a porta de entrada e quando se preparava para digitar o código de acesso ao interior do prédio constatou que não se recordava dele. A chave ficara em casa, pois nunca era necessária, e agora acontecia isto. Uma situação, no mínimo, ridícula! Tentou associar alguns números que faziam parte do código, mas nenhum lhe permitiu abrir a porta. *Ridículo!* Com um nervosismo crescente que lhe toldava ainda mais o discernimento e sob o efeito ainda não destilado de todo o álcool que ingerira, decidiu caminhar um pouco ao longo da rua deserta, numa tentativa de serenar e recuperar

a lucidez. Sentia-se mais uma vez traído pela sua memória doente. *Será que isto nunca vai acabar?* Voltou para trás, deteve-se um minuto em frente da porta e digitou os quatro números mágicos.

A porta abriu-se.

Finalmente em casa!

Já não restava muito tempo até amanhecer de novo, mas Tomé estava demasiado cansado para dormir. Em modo de abnegação total da realidade, acendeu o candeeiro de apoio ao sofá e deixou-se ficar deitado naquela luminosidade frouxa, com uma garrafa de *vodka* ali mesmo à mão, um cigarro a fumar entre os dedos e a música de um CD dos seus favoritos *Tindersticks* que ficara esquecido no leitor. O cérebro ainda realizava movimentos de convexão na sua cabeça. À direita do sofá, na obscuridade controlada, era distinguível o póster a preto e branco da banda, fixado na parede de forma rudimentar com fita-cola.

A música, toda a música, mas em particular a da banda britânica, ocupava um papel basilar na tentativa de conferir um sentido concreto à sua vida e sem ela (a Grande Deusa!) era-lhe mais difícil encarar a realidade nas suas múltiplas facetas, como se o edifício que constituía o seu mundo se encontrasse fragmentado e em obras permanentes, e a Grande Deusa funcionasse como os alicerces ou o esqueleto estrutural ao qual se aglutinava tudo o resto. Sabia que era um comportamento imaturo, mas era assim que as coisas eram e ele não fazia grande esforço para o evitar. O final da sua juventude tinha-se escapado irreversivelmente, sem ele saber muito bem como, e encontrara na música a forma de buscar algum consolo e sentido no seu reequilíbrio emocional. Fosse qual fosse a circunstância – nem que fosse entre a vida e a morte – nunca ficava indiferente à música que pudesse estar a ser ouvida naquele momento, e haveria sempre um significado, mesmo que muito oculto, para o que se estava a ouvir. Sempre fora assim com ele e não via como é que isso pudesse mudar. Fazia todo o sentido escrever críticas musicais como modo de vida.

Ao dedilhar ao acaso por cima da mesa de apoio à aparelhagem, numa busca preguiçosa de mais cigarros, passou-lhe pelos dedos a caixa do CD dos *Tindersticks* cuja música, em fundo, preenchia

o imenso vazio crónico que o envolvia. Numa suprema ironia, a capa mostrava, numa quase monocromática fotografia, o vocalista Stuart Staples, na mais inexpressiva das expressões, com a face direita encostada ao focinho de um simpático asno, recolhido no seu estábulo. Se a situação por si só já poderia ser considerada bizarra, se se acrescentar que o álbum se intitula *Can our love...*, os contornos poderão ser extravasados para diferentes interpretações. O que poderá ter levado um conjunto de músicos inteligentes a utilizar semelhante fotografia para ilustrar a capa de um álbum, por mais brilhante que ela seja? Aproximações perigosas aos burros? Chamar a atenção para o Santuário de Burros onde foram tiradas as fotografias?

Seremos nós os burros?

A suposta bestialidade latente neste primeiro impacto ao disco é confundida ainda mais com a audição dos primeiros minutos do álbum, quando Staples, sobre um arranjo orquestral neoclássico, canta, num registo algo desesperado, «*dying slowly seems better than shoot myself*», num artificial apelo a uma lenta autodestruição. Tomé sorriu ao meditar nesta ideia apelativa, não deixando de acreditar que os Tindersticks se divertirão ainda mais a imaginar o que pensarão os melómanos e os ouvintes mais distraídos de todas estas bizarras.

A cadência repetitiva da música techno soava-lhe de forma agreste e incômoda nos ouvidos, a que se juntava o perpétuo movimento hipnótico das luzes. Nunca se habituaria. Mas ele tinha de continuar a busca. Os corpos suados continuavam os seus espasmos dançantes, tentando acompanhar aquele ritmo maquinal da música. Os olhares não se cruzavam, os corpos roçavam-se, os copos esvaziavam-se. Apesar do álcool, era fundamental não perder a lucidez. À sua frente, Pierre abria caminho por entre os corpos. Não o podia perder de vista ou ficaria tudo arruinado. Os corpos roçavam-se inevitavelmente, os olhares nunca se cruzavam. A música agora confundia-se com uma velha locomotiva em plena aceleração. Techno progressivo em pleno crescendo. Não o podia perder de vista. A confusão de corpos aumentava e, na pressa, chocou com alguém com alguma violência. Teve de a agarrar para ela não cair e os olhares cruzaram-se. O azul dos

olhos confundia-se com o do vestido. Aquele perfume! No chão, o copo vazio ainda não parara de girar em torno do seu próprio eixo. Os braços agarravam-se, magnetizados, enquanto os seus olhos pediam desculpa por ele. Antes que algum sorriso surgisse, sentiu um forte puxão no braço esquerdo que o arrastou para longe daquele azul. Apercebeu-se então que Pierre o conduzia na direção das casas de banho. A perseguição terminara. A presa estava encurralada.

Era tempo de agir.